

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Antonio Carlos de Paula Junior

A discussão do jornalismo de causas no Festival FALA!

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

A discussão do jornalismo de causas no Festival FALA!

Antonio Carlos de Paula Junior

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Cultura, Educação e
Relações Étnico-raciais

Orientador: Prof. Dr Dennis de Oliveira

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Dennis Oliveira

À Profa. Me. Máira Carvalho de Moraes

A discussão do jornalismo de causa no Festival FALA! ¹

Antonio Carlos de Paula Junior²

Resumo: FALA! Festival de Comunicação, Culturas e Jornalismo de Causas é um festival organizado por Alma Preta (SP), Marco Zero (PE), 1Papo Reto (SP/RJ) e Ponte Jornalismo (SP). Organizações profissionais de comunicação que vêem no jornalismo uma das formas de contribuir para o exercício da democracia buscando o debate público e de função mediadora da sociedade. O festival é uma extensão da missão dessas organizações, que tem no jornalismo de causas seu principal eixo de conexão, de busca de transparência e de justiça social. Como o fazer jornalístico dessas organizações brasileiras dialoga com os diversos saberes culturais e territoriais apresentados dentro da sociedade brasileira? O Festival FALA! nasceu das experiências das organizações citadas, e tem o objetivo de ampliar a discussão sobre como a cultura, a arte, e a diversidade de saberes podem contribuir para a construção de um jornalismo mais inclusivo. Ampliar a participação de grupos menos representativos da sociedade é uma necessidade. Mas até que ponto um festival ou mesmo o jornalismo de causas podem ir a fundo nessa discussão?

Palavras-chave: Comunicação, Jornalismo, Cultura, Arte, Território, Diversidade, Justiça Social, Festival

Abstract: FALA! Festival of Communication, Cultures and Cause Journalism is a festival organized by Alma Preta (SP), Marco Zero (PE), 1Papo Reto (SP/RJ) and Ponte Jornalismo (SP). Professional outlet media that see journalism as one of the ways to contribute to the exercise of democracy, seeking public debate and a mediating role in society. The festival is an extension of the mission of these organizations, which has cause journalism as its main connection axis, the search for transparency and social justice. How does the journalistic work of these Brazilian organizations dialogue with the different cultural and territorial knowledge presented within Brazilian society? The FALA! Festival it was born from the experiences of the aforementioned organizations, and aims to broaden the discussion on how culture, art, and the diversity of knowledge can contribute to the construction of a more inclusive journalism. Expanding the participation of less representative groups in society is a necessity. But to what extent can a festival or even cause journalism go deeper into this discussion?

Key words: Communication, Journalism, Culture, Art, Territory, Diversity, Social Justice, Festival

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Relações Étnico Raciais

² Pós-graduando em Cultura, Relações Étnico Raciais

1. INTRODUÇÃO

Para entender como chegamos ao 'FALA! Festival de Comunicação, Culturas e Jornalismo de Causas', precisamos voltar um pouco no tempo e entender como o campo do jornalismo foi inserido na sociedade brasileira, como essa sociedade chegou até os dias em que se publica este artigo e como vemos a atividade jornalística.

Entender o Festival FALA!, necessita dialogar e entender esse jornalismo nascido nos anos 2000, facilitado pela internet e redes sociais de modo digital, que tem Alma Preta Jornalismo, Marco Zero conteúdo, Ponte Jornalismo e o portal 1Papo Reto como algumas organizações protagonistas no Brasil, que são também organizações idealizadoras do FALA!, um dos objetos de estudo deste artigo. Discutiremos sobre o que significa jornalismo de causas e do que tal jornalismo difere de jornalismo independente, tradicional, ou hegemônico.

Fazendo um recorte e buscando campos diferentes dentro do jornalismo, como definimos o jornalismo de causas e qual a sua diferença entre outras nomenclaturas como Jornalismo Alternativo, Jornalismo independente, Mídia ou Jornalismo Cidadão, Mídia Radical, entre outros. No artigo será abordado como esses campos definem o que é de interesse público, quem tem direito a fala em nossa sociedade, quem consegue ser ouvido, quem é a fonte, quem é produtor de conteúdo ou de conhecimento. E também será discutido como esses campos se guiam pela objetividade ou pela subjetividade, imparcialidade e neutralidade, peças chaves presentes na teorias do jornalismo. São discussões que podem apontar se o jornalismo de causas, jornalismo independente, tradicional ou o hegemônico estão em campos opostos ou similares.

Algumas dessas perguntas iremos procurar responder, assim como entender como esses campos, além do próprio festival, dialogam com a diversidade de saberes e territórios, e se podem contribuir para o exercício de um jornalismo mais inclusivo.

2. JORNALISMO E O PODER HEGEMÔNICO

O artigo quinto da Constituição do Brasil garante direitos fundamentais à comunidade brasileira, como o direito à vida, igualdade, liberdade, propriedade e à segurança, para que

todos possam viver da melhor forma possível. Pela lei, essas diretrizes deveriam valer para todos os grupos da sociedade brasileira. Mas não é o que parece quando vemos os dados a seguir.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil é um país de dimensões continentais dividido em cinco grandes regiões: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Contém 26 estados além do Distrito Federal e, ainda de acordo com o IBGE e pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, o país é composto por: 42,7% dos brasileiros se declaram brancos, 56,2% se consideram negros (pretos e pardos) e 1,1% se consideram indígenas. Sem contar as diferenças regionais e raciais, as diversidade de gênero, diversidades culturais e de identidades. Citando as mesmas fontes, só entre indígenas temos 305 etnias ou povos e 274 línguas.

Precisamos questionar se todos esses grupos têm seus direitos respeitados e sua representatividade em equidade. Segundo relatórios publicados por organizações que medem índices de desigualdade pelo mundo, a resposta é não. O relatório sobre as desigualdades sociais do World Inequality³, co-dirigido pelo pesquisador e economista francês Thomas Piketty, publicado em dezembro de 2021, coloca o Brasil como um dos países mais desiguais do mundo. Onde:

- 10% dos mais ricos ganham 59% da renda nacional
- 59% dos mais pobres ganham 29 vezes menos que os 10% mais ricos
- A metade mais pobre no Brasil possui menos de 1% da riqueza do país
- 1% mais rico possui quase metade da fortuna patrimonial brasileira

Ao ver os dados, percebemos uma imensa desigualdade. Por conta disso, cabem perguntas pertinentes sobre o nível de acesso à informação que grupos que estão na base da pirâmide tem em relação a grupos que estão no topo social. Difícil imaginar que tais grupos tenham os mesmos acessos e sejam representados com equidade pelas organizações de mídia. E, em uma sociedade tão desigual, precisamos entender como se dá a isenção, equidade de

³4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório... - <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/12/07/4-dados-que-mostram-por-que-brasil-e-um-dos-paises-mais-desiguais-do-mundo-segundo-relatorio.htm?cmpid=copiaecola>

tratamento, justiça social, e mais, se existe garantia de equidade de direitos no momento de definir o que é de interesse público.

A desigualdade social não é assunto novo a ser estudado, muito menos a ser discutido no Brasil e demais países que passaram por similares processos de colonização na América Latina e demais continentes que sofreram com o mesmo processo. É farta a literatura sobre o tema, principalmente no que diz respeito aos problemas estruturais que tais países e suas camadas sociais passaram durante o processo de colonização, referentes a violências de raça, gênero e classe. Violências estruturais, como nas estatísticas de desigualdades apresentadas acima, perduram até hoje. É possível atestar a veracidade de tais informações em sites oficiais do próprio governo brasileiro, como esse trecho que se encontra no site oficial do Senado Federal Brasileiro:

'As estatísticas não deixam dúvidas. O Brasil é, sim, um país racista. As posições subalternas da sociedade são, na maioria, ocupadas por negros e indígenas. Eles são as vítimas preferenciais da pobreza e da violência. Os brancos, no extremo oposto, dominam o topo da pirâmide social. Trata-se de uma realidade que começou a ser construída nos primórdios da colonização europeia, quando foram instituídas a escravidão indígena e a negra. Os indígenas deixaram de ser escravos oficialmente na década de 1750, na Colônia. Os negros, em 1888, no Império. Ambos os grupos conseguiram sair da escravidão, mas não puderam ingressar na cidadania plena. Libertos do cativo, não ganharam terra, trabalho ou educação. Privados historicamente desses instrumentos básicos de ascensão social, os negros e os indígenas até hoje não concorrem em condições de igualdade com os brancos.' (Fonte: Agência Senado)⁴

A desigualdade e a pobreza presentes em locais periféricos nas cidades ou no campo têm raça e gênero. Ou seja, a democracia racial atribuída a Gilberto Freyre é algo inexistente no Brasil. E relatórios do IBGE atestam que o Brasil ainda está muito longe dessa equidade. 'Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos.' (Agência IBGE)⁵

⁴ Racismo estrutural mantém negros e indígenas à margem da sociedade -

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/01/racismo-em-pauta-2014-racismo-estrutural-mantem-negros-e-indigenas-a-margem-da-sociedade>

⁵ IBGE mostra as cores da desigualdade -

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>

Segundo o Prof Doutor Dennis Oliveira, em seu livro 'Jornalismo e Emancipação, uma prática jornalística baseada em Paulo Freire', existe um sistema de dominação social e relações de poder que mantém tais desigualdades sociais. Segundo Oliveira, em definição atribuída a Foucault, as riquezas da classe dominante são advindas da exploração dos corpos dos trabalhadores, que em uma linha de montagem, dão movimento ao modo capitalista de produção industrial. Juntando a análise de Dennis e Foucault, com as informações dos institutos de pesquisa sobre a desigualdade brasileira, temos como massa de trabalhadores a base social da sociedade, mais pobre, negra e indígena. E do outro lado temos os donos dos meios de produção, os brancos, a 'hegemonia', palavra vinda do grego (egemonía), que significa supremacia entre cidades, nações ou povos.

Sendo assim, existe a possibilidade de ser tênue a linha entre o poder hegemônico do jornalismo hegemônico. Segundo Oliveira, o jornalismo hegemônico tem compromisso com as estruturas arcaicas do país, o poder hegemônico:

'Articulada com elites que tradicionalmente optaram por um viés conservador, como a manutenção de estruturas fundiárias arcaicas, relações de trabalho predatórias e conformação com interesses externos, o jornalismo hegemônico brasileiro sempre se colocou contrário a processos de radical democratização do país, ainda que estes acontecem dentro de marcos institucionais do capitalismo e do liberalismo clássico (Oliveira, Dennis)

E quando falamos de setores da imprensa brasileira, é fácil entender quais grupos de mídia estão associados historicamente ao poder econômico ou poder hegemônico. Parte do jornalismo brasileiro nascido no século XIX, ainda na época colonial, teve suas amarras ao poder hegemônico da época, ligado à famílias de cultura escravista, e segundo Oliveira, em seu livro, tinham a função de manter os privilégios e valores que afetam diretamente seus interesses. Segundo relatório da Ong Repórter Sem Fronteiras, de 2017, publicado na revista Carta Capital⁶, apenas cinco famílias concentram e controlam mais de 50% dos veículos de mídia do país. A família Marinho (Rede Globo), a família Saad (Rede Bandeirantes), a família Edir Macedo (Record), a família Sirotsky (RBS) e a família Frias (Folha). É o jornalismo hegemônico, ou podemos dizer também, tradicional.

⁶ Cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país, indica relatório - <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>

3. JORNALISMO DE CAUSAS E SUAS RAÍZES

Em minha pesquisa, encontrei algumas definições interessantes sobre Jornalismo de Causas, tais como, Jornalismo Alternativo, Mídia Cidadã, Jornalismo Cívico e Mídia Radical. Como a ideia é discutir como o Jornalismo de Causas dialoga com o Festival FALA!, trouxe também para a discussão os demais os fundadores e diretores das mídias que compõem o Festival: Laércio Portela, cofundador da Marco Zero Conteúdo, sediada na cidade de Recife, em Pernambuco, e os demais, Rosenildo Ferreira do portal 1 Papo Reto e Pedro Borges, da Alma Preta Jornalismo, ambas sediadas em São Paulo, capital.

A jornalista e pesquisadora portuguesa Sandra Teixeira Fernandes, autora do artigo 'Jornalismo de Causas, o ambiente como análise de conteúdo', datou o 'novo jornalismo', que nasceu em pequenas e médias cidades dos Estados Unidos no final dos anos 80, como uma das raízes do Jornalismo de Causas. Para Sandra, alguns jornais locais americanos tinham o intuito de levar notícias regionais, com um novo tratamento de informação aos seus leitores, diferente das narrativas trabalhadas pelos jornais tradicionais. Segundo a pesquisadora, esse novo formato dava às pessoas um tratamento diferente que possibilitou aos leitores um entendimento melhor como cidadãos, que os chamava à atuação política reforçando o compromisso de coletividade e também de uma sociedade democrática. Para a autora, essa é a base do 'jornalismo cívico'. E segundo ela, para críticos e teóricos do jornalismo português, trata-se da volta do jornalismo à sua essência, de serviço público.

Assim como Oliveira, no capítulo anterior, Sandra Fernandes observa no jornalismo hegemônico algo mercantil e não público, de valores trocados, pois 'se algo vai mal na sociedade e seus valores, algo também vai mal no jornalismo (hegemônico)'. Em seu texto, Fernandes reforça que 'o jornalismo pode e deve ter um papel de reforço da cidadania, melhorando o debate público e revendo a vida pública'. (pág 21)

Um outro conceito que podemos trazer para o debate, e que conversa bem com o termo 'Jornalismo de Causas' e o conceito de 'Mídia Cidadã', que o pesquisador inglês John Downing explana ao citar a professora colombiana Clemência Rodrigues, da Universidade de Oklahoma ao responder uma pergunta como entrevistado da pesquisadora Patrícia Wittenberg Cavalli, do Observatório de Mídia Regional da Universidade de Pernambuco:

'Para mim a definição de Mídia Cidadã mais clara e útil é da minha amiga e colega colombiana Clemência Rodrigues, que é professora na Universidade de Oklahoma. Ela fala sobre “meios cidadãos”. O que ela diz é que a cidadania completa deve incluir a possibilidade e a prática de se comunicar na base da sociedade. Não uma base de comunicação vertical, mas uma comunicação lateral, horizontal, também vertical só que na direção reversa. Que nós possamos expressar nossos sentimentos, nossos olhares, visões e necessidades às autoridades econômicas e políticas.' (John Downing)⁷

Para Downing, o fato de as pessoas em seu território produzirem notícias ou contarem as próprias histórias, e não apenas participarem como objeto de estudo ou apenas como fonte de informação, caracteriza um outro olhar no modo de narrar e contar as histórias do próprio território. Configurando assim uma mídia mais próxima dos cidadãos locais e mais horizontal, diferente do olhar de mídias hegemônicas, que sem qualquer proximidade das subjetividades encontradas em territórios, principalmente os periféricos, retratavam apenas a superficialidade que encontravam sem se dar conta que ali existem sujeitos da ação, e cidadãos que produzem conhecimento.

Outro conceito trazido por John Downing, durante a entrevista à pesquisadora Patrícia Wittenberg, é o conceito de Mídia Radical. Pelas características apresentadas, este conceito apresenta um diálogo interessante com o tema do tópico, o Jornalismo de Causas. Para Downing, a mídia radical é a base da comunicação entre pessoas ativas e nem sempre mediada por aparelhos. Como exemplo, ele cita os movimentos sociais. Para Downing, tais movimentos fazem uma mídia radical alternativa.

Podemos qualificar como mídia radical: as canções populares, como a música negra de vários países, a dança afro-americana, o grafite praticado por gangues de jovens, a cultura hip-hop, o vestuário - que eu denomino mídia têxtil, como os que eram utilizados na Guatemala durante a ditadura militar. As colchas sul-americanas que eram usadas de forma clandestina, broches e bottons. Adesivos de pára-choques de caminhões, rock de garagem, teatro de rua, e aí falo sempre no brasileiro Augusto Boal e seu Teatro dos Oprimidos, vídeos populares, TVs comunitárias, rádios comunitárias e de acesso ao povo. E muitos movimentos que hoje se encontram na Internet. Para mim a mídia radical alternativa está onde a base de tudo é a comunicação entre pessoas ativas, e essa comunicação possa ou não, ser mediada por aparelhos. (John Downing)⁸

⁷ Entrevista à Patrícia Wittenberg Cavalli, pesquisadora do Observatório Mídia Regional - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Artes - Universidade Federal de Pernambuco. Revista Famecos - Porto Alegre - nº 38 - Abril de 2009

⁸ Entrevista à Patrícia Wittenberg Cavalli, pesquisadora do Observatório Mídia Regional - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Artes - Universidade Federal de Pernambuco. Revista Famecos - Porto Alegre - nº 38 - Abril de 2009

Para Downing, de acordo com seu trabalho de pesquisa, tudo é mídia. E o universo da mídia radical é bem maior do que podemos imaginar. Para o pesquisador, não podemos nos restringir aos meios de massa que estamos acostumados: TV, rádio, jornal, cinema. Mas Downing atenta também para algumas questões definidoras de mídia radical, principalmente quando fala sobre as diferenças entre as mídias alternativas. Para ele, muitas são as mídias alternativas. Por definição, com a autodeclaração de seus fundadores, uma mídia pode ser considerada alternativa, é uma espécie de rótulo. Agora, para ser mídia radical é preciso que haja uma característica importante a mais: é preciso que essa mídia 'se manifeste contra ao governo vigente que lhe oprime e não lhe deixa ser livre a ponto de expressar suas idéias' de acordo com Downing.

Como Downing, os fundadores dos sites de notícias criadores do Festival FALA! apontam diferenças entre o modo alternativo ou independente de fazer jornalismo que é feito nos dias de hoje. Para Pedro Borges, do site Alma Preta, Laércio Portela da Marco Zero Conteúdo e Rosenildo Ferreira, do 1 Papo Reto, em entrevista concedida para fazer parte deste artigo, eles definem o Jornalismo de Causas como um jornalismo posicionado. E defendem, assim como Downing, que nem todo jornalismo alternativo é também de causas. Para Rosenildo Ferreira, essa diferença se destaca pois, segundo ele: 'Nada impede que um veículo do mainstream adote essa vertente jornalística. Esse modo de fazer o jornalismo'. Para Pedro Borges, outras questões são levantadas. Borges acredita que nem toda mídia independente, jornalismo independente se auto reivindicam enquanto Jornalismo de Causas, mas acredita que todo Jornalismo de Causas está dentro da mídia independente. Borges faz esse questionamento sobre o que é e não é mídia independente, e acredita que tem outras mídias que poderiam cair dentro deste conceito, de mídia independente, mas hoje não são colocadas. Laercio Portela completa o raciocínio ao mencionar que o jornalismo independente é diverso no Brasil, e parte importante desse jornalismo independente é comprometido com causas relevantes e importantes da democracia participativa no Brasil, mas não todos. Segundo Portela: 'Essa diversidade eu diria que ela é importante pra gente inclusive não reproduzir os modelos de organização da mídia hegemônica onde todos falam a mesma língua e onde quase todos defendem os mesmos princípios'.

Sobre a questão de formação e profissionalismo dentro do campo do jornalismo, outro autor e pesquisador que podemos trazer para a discussão é Chris Atton. Em seu texto 'What is 'alternative' journalism? (O que é jornalismo alternativo)'. Atton dialoga com as proposições

trazidas pela pesquisadora Sandra Fernandes e o teórico John Downing, para falar sobre 'Jornalismo Independente', 'Mídia Cidadã' ou 'Jornalismo de Causas'. Para Atton o Jornalismo de Causas busca horizontalidade, mas se diferencia por buscar métodos de objetividade, mas sem abrir mão da subjetividade e deve ser mais incentivado dentro das universidades, nos cursos de jornalismo. Pois o Jornalismo de Causas, ou Jornalismo Cidadão, ainda é visto e tratado como um caso extremo, e não como uma prática real e possível. E isso precisa ser discutido entre os profissionais, e também na etapa de formação destes profissionais, dentro dos cursos de jornalismo. É necessário repensar as possibilidades de produção de notícias em sala de aula. Ainda completa que a posição de um jornalismo público ou cidadão dentro do mercado moldado pelo jornalismo hegemônico, impede um jornalismo produzido com bases cidadãs de ensaiar qualquer desafio rigoroso ao profundo estrutural e institucionalizada relações de poder profissionalizadas dentro dos meios de comunicação de massa.

4. OBJETIVIDADE, SUBJETIVIDADE, IMPARCIALIDADE E NEUTRALIDADE

Como discutimos anteriormente, para os fundadores do Festival FALA!, fazer Jornalismo de Causas é fazer jornalismo posicionado. Por isso vale a discussão para entender como um Jornalismo de Causas conversa com temas como objetividade, subjetividade, neutralidade e imparcialidade, temas esses considerados pilares das teorias de jornalismo.

“O jornalista não é aquele sujeito exterior e distante, armado de uma independência, de uma neutralidade sem falha. Entre ele e o objecto da sua intervenção não há verdadeiro distanciamento. Nem espacial nem temporal, nem cultural, nem sociológico. Até porque como salienta Paul Ricouer “narrar é já reflectir sobre os acontecimentos narrados” (Rebelo, 2000:19).

A citação acima vem do trabalho da jornalista e pesquisadora portuguesa Sandra Teixeira Fernandes, autora do artigo 'Jornalismo de Causas, o ambiente como análise de conteúdo', já mencionado anteriormente, quando ela discute as questões de objetividade e subjetividade. Para Fernandes, objetividade e subjetividade se complementam e é nesse raciocínio que nasce o Jornalismo de Causas. Pois o jornalismo não está desprendido da responsabilidade social e nem da responsabilidade de ser argumentado com rigor e objetividade, segundo teorias do próprio jornalismo.

Para Fernandes, a partir dos anos 1920 e 1930, a objetividade, dentro do campo do jornalismo, passa a ser entendida, principalmente por setores da mídia hegemônica, como um 'ideal em relação à realidade da subjetividade do próprio jornalista, precisamente porque esta

começa a ser vista como algo inevitável'. Sendo assim, para a autora, a objetividade consistia no fato de que as declarações ou posições de uma pessoa sobre o mundo podem ser confiáveis, se submetidas a regras estabelecidas, legitimadas por uma comunidade profissional, principalmente se essa pessoa for parte ou for chancelada pelo poder hegemônico. Para Fernandes: 'É aquilo a que a socióloga norte-americana Gaye Tuchman apelida de “ritual estratégico” da objetividade, ou seja, um conjunto de preceitos e de metodologias que acabam por funcionar como uma espécie de capa protetora do jornalista em relação às críticas exteriores relativas à sua profissão '. Segundo Sandra Fernandes, dentro do campo do jornalismo, a subjetividade é algo inevitável.

Agora, pensando nesse quase bordão de Fernandes, de que a subjetividade é algo inevitável, precisamos pensar como ficam as mídias adeptas da neutralidade e imparcialidade, que dizem que se baseiam apenas na objetividade dos fatos, deixando de lado as subjetividades. Rosenildo Ferreira, do portal 1 Papo Reto, acompanha o raciocínio de Sandra Fernandes quando diz que a imparcialidade e a neutralidade, pilares da objetividade, têm sido perseguidas pela imprensa desde meados do século XX. De acordo com Rosenildo, o jornalismo começou a assumir um perfil mais profissional. Isso não significa dizer que a imprensa, de modo geral, tenha conseguido atingir tal objetivo. Para Ferreira, todos os veículos possuem uma linha editorial à qual a equipe de repórteres, cinegrafistas e editores têm de se adaptar, e que, dificilmente, conseguem abandonar suas posições individuais quando atuam em uma profissão que confere tanto poder ao intermediário.

Para Laércio Portela, da Marco Zero Conteúdo, não existe neutralidade ou imparcialidade na produção do jornalismo, na produção de conteúdo jornalístico. De acordo com Laércio, o jornalista sempre fala ou vê o mundo de algum lugar, um lugar que tem história, um lugar que tem percepções sobre a realidade, que são distintas. Ou seja, para Portela, não existe esse 'não lugar', um lugar que não há história, não há percepções anteriores, não há vivências anteriores. Ainda para Portela, o mais importante do que ser imparcial, é o conceito da transparência. Ser transparente no processo de apuração de um conteúdo, para o público leitor, ou ouvinte, para quem está apresentando este conteúdo é o mais importante. O leitor precisa saber como foi o processo de apuração e como você o jornalista chegou àquelas informações.

Pedro Borges, da Alma Preta Jornalismo acrescenta 'que o jornalista deve ir atrás da objetividade, o jornalista tem que ser objetivo'. Borges pontua que veículos de comunicação tem uma linha editorial, e acredita que tal linha não seja o problema, pois o jornalista e o veículo tem que ser objetivo. E para o diretor da Alma Preta, ser objetivo é fazer bem o que manda o receituário do jornalismo, a técnica do jornalismo. Então é fazer uma boa apuração, é ter a possibilidade de ouvir as demais atrizes e demais atores da reportagem, do fato envolvido, fazer uma apuração precisa, objetiva de números, dados e estatísticas, entrevistar especialistas e de maneira alguma imaginar que a sua versão é mais importante que o fato em si. Para Pedro, muitas vezes o jornalista acaba tendo sua própria versão do fato, de uma maneira natural. Mas quando se depara com outra realidade, o fato dá uma outra visão para o jornalista com relação ao acontecimento. E então, Borges acredita que nesse ponto, cabe ao jornalista ser objetivo o suficiente para não tentar dizer que o fato está errado e o que está certo é a sua versão.

5. FESTIVAL FALA! JORNALISMO E EMANCIPAÇÃO

Chris Atton, em seu texto 'What is 'alternative' journalism?' (O que é jornalismo alternativo?) anuncia um importante alerta a veículos ou mídias que apontam o 'novo jornalismo' como formato de narrar ou contar suas histórias. Atton alerta que apenas questões reformistas não são suficientes para mudar o contexto do jornalismo produzido, e que em suas pesquisas, ele percebeu esse movimento no jornalismo americano. Ele acredita que é preciso ir além das noções reformistas produzidas no movimento de jornalismo cívico ou público nos EUA, que ele observou. De acordo com Atton, recentes contribuições para os estudos de jornalismo apontaram, que: 'foi esse reformismo que até agora impediu os defensores e praticantes do jornalismo público de fazer qualquer coisa além de intervenções pontuais nas práticas dominantes do jornalismo'. Atton aponta que:

Apesar de suas pretensões, o jornalismo público, atuando no mercado e em estruturas organizacionais, institucionais e profissionais de longa data, opera de maneira semelhante ao jornalismo convencional (do qual, afinal, faz parte): 'tradicional e os jornalismo públicos adotam estratégias narrativas semelhantes para atingir essencialmente os mesmos fins: colocar o poder de contar as histórias da sociedade nas mãos dos jornalistas' (Woodstock, 2002: 37).

Essa preocupação bem pontuada por Chris Atton, pesquisador da Napier University, em Edinburgh, nos traz uma boa reflexão em relação ao que pretendem as mídias ou veículos

que se inspiram no jornalismo de causas como movimento transformador, de justiça social e de emancipação cidadão de seu leitor. Podemos perguntar se essas novas organizações jornalísticas são apenas uma continuação, em termos empresariais e de narrativas do jornalismo tradicional, e também se existe uma capacidade do jornalismo público de se reinventar, mesmo sendo um jornalismo que ainda está dentro do sistema capitalista.

De acordo com Chris Atton, trazer elementos da mídia radical, conceito de John Downing, que busca horizontalidade, pode ser interessante para organizações que vêem o Jornalismo de Causas como bandeira. Pois, como vimos anteriormente, tais organizações de mídia se diferenciam por buscar métodos de objetividade, mas sem abrir mão da subjetividade.

Para Chris Atton, que dialoga muito com John Downing em seu texto, 'o desejo dos praticantes de mídia alternativa como criadores e mantenedores de esferas públicas alternativas tem sido considerado central para a compreensão das funções de base, cívico-oposicionistas de seu trabalho (Downing, 1988)'. Esse trecho do texto de Atton, onde ele cita Tony Harcup, é um bom exemplo do impacto que um veículo de Jornalismo de Causas encontra em seus leitores e impacta na esfera pública em que ele atua. A diversidade de vozes e de fontes presente no ato de contar histórias:

Tony Harcup oferece uma perspectiva local adicional sobre o trabalho desses 'repórteres nativos' em sua análise comparativa do tratamento de uma grande história de 'motim' por dois jornais locais do norte da Inglaterra, um um diário noturno estabelecido, o outro uma publicação comunitária radical. Ele encontra no "diferente elenco de vozes" usado por estes últimos uma tendência consistente de privilegiar vozes de baixo, fontes de notícias na base da hierarquia de notícias sobre os porta-vozes tradicionais retirados de grupos profissionais de elite da sociedade. Tal jornalismo não apenas encontra uma causa comum com sua comunidade por meio do advocacy; suas conexões explícitas com a esfera pública dessa comunidade servem como justificativa para buscar entre essa comunidade suas fontes de notícias.

O professor doutor Dennis Oliveira, com seu livro 'Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire' traz importantes contribuições para esse diálogo também. No texto, Oliveira chama a atenção de como as metodologias da Educação podem contribuir para o futuro do jornalismo. Oliveira destaca que o jornalismo próximo ao poder hegemônico, ao capital, falha em contar sobre a realidade através das verossimilhanças e não pelo valor real das experiências e aponta os caminhos traçados por educadores como Paulo

Freire, Oscar Jara e Martin Baró como alternativas de pensamento emancipador: um jornalismo como ação cultural emancipador. Um jornalismo de projetos coletivos e de centralidade na dimensão relacional para uma prática pedagógica libertadora. Para Oliveira:

A mediação que o jornalismo faz dos fatos singulares é realizada pela dimensão do espetáculo em que a verossimilhança ocupa o lugar de valor da veracidade. Por isso, por mais que o jornalismo cresça em termos de alcance, que desenvolva as tecnologias de disseminação da informação, o compartilhamento do cotidiano singularizado insere os indivíduos numa dimensão espetacular da realidade, afastando de vez as possibilidades de constituição de um conhecimento dos processos nos quais os eventos se desenvolvem. É nesse contexto que as teorias de Paulo Freire e dois intelectuais próximos às suas ideias, Martin Baro e Oscar Jara, apresentam uma perspectiva alternativa para o jornalismo nos dias de hoje: um jornalismo como ação cultural para a emancipação.

Para os organizadores do Festival FALA! Essa preocupação com um jornalismo que funcione como emancipador é uma espécie de missão para o jornalismo preocupado com questões sociais, que se pretende mediador de debates com vozes e representantes de grupos sociais diversos e com a maior transparência possível. Mas a provocação vinda do texto de Chris Atton, de que o 'novo jornalismo' inova pouco ao jornalismo tradicional tanto na forma de narrar, como na forma de se organizar, surge necessária uma reflexão que discuta o tal 'reformismo' anunciado por Atton e traga mobilidade ao campo do jornalismo tal qual Freire, Baro e Jara argumentam em relação ao campo da Educação, para que o Jornalismo de Causas seja uma prática pedagógica libertadora, um jornalismo com ação cultural emancipador.

Para Freire, o aluno não é um vaso vazio que será preenchido durante o processo de alfabetização, processo de educação. Para Freire, esse aluno tem uma história antes de chegar à escola, tem um território, tem uma cultura, e isso deve ser levado em questão durante o processo de alfabetização. O professor também aprende com o aluno. Assim como a metodologia de Freire, da Pedagogia do Oprimido, o Jornalismo de Causas busca fazer o mesmo. Entender e respeitar as questões culturais e territoriais do cidadão, ouvindo-o, respeitando os saberes produzidos, aprendendo com esses sujeitos e entendendo como levar informação, e como mediar diálogos. E como a cultura está nesse debate, nada mais natural seria deixar que diferentes linguagens façam parte do debate, assim como a arte. De acordo com os organizadores, como forma de ampliar as discussões no campo do jornalismo que se pretende emancipador, de acordo com essa perspectiva, surge o FALA! Festival de Comunicação, Culturas e Jornalismo de Causas.

Para Pedro Borges, um dos organizadores, o jornalismo é muito mais do que o receituário liberal coloca, que é o acompanhamento das grandes instituições, o acompanhamento dos poderosos e o bom funcionamento do país. O jornalismo é uma ferramenta muito poderosa, deve se acreditar que o jornalismo seja uma ferramenta de transformação social. 'A gente vive em uma sociedade extremamente injusta, extremamente desigual, e eu acho que o jornalismo cumpre a possibilidade de um papel de transformar a sociedade em um ambiente muito mais agradável e democrático para a vida de todo mundo', avalia. Borges acredita que essa é a vertente do Jornalismo de Causas, que é, de alguma maneira, um jornalismo que tem um posicionamento, que é objetivo e que se utiliza das ferramentas do jornalismo para apresentar, e para enfrentar os grandes problemas, sobretudo as desigualdades e a brutalidade do cotidiano brasileiro.

Para Rosenildo Ferreira, o FALA! tem esse compromisso, de discutir o campo do jornalismo e de entender como a diversidade de saberes, de território podem contribuir para a construção de um debate mais plural, com mais equidade, e fortalecendo o processo democrático no país. Como vimos no começo do artigo, o Brasil é um país com uma imensa desigualdade social, desigualdade e falta de representatividade de raça e gênero. É um país com feridas abertas desde o período colonial, que sofre com violências estruturais do racismo, do sexismo, que são a base do sistema capitalista e de exploração. E como disse Sandra Fernandes, em seu texto, 'se algo vai mal na sociedade e seus valores, algo também vai mal no jornalismo' que não discute tais problemas estruturais.

6. FALA! FESTIVAL DE COMUNICAÇÃO, CULTURAS E JORNALISMO DE CAUSAS

De acordo com os organizadores, o FALA! Festival de Comunicação, Cultura e Jornalismo de Causas, é um encontro que aproxima jornalistas e comunicadores populares, além de profissionais das artes para, de forma ousada e atual, debaterem caminhos sobre o futuro do jornalismo e seu papel em toda sociedade brasileira.

Neste contexto, o FALA! Festival de Comunicação, Cultura e Jornalismo de Causas vem do fomento à discussão da comunicação sob a perspectiva popular e plural, tendo a diversidade de saberes pelo país como premissa.

Em tempos de inflexão dos modelos jornalísticos tradicionais, debater a conjuntura e os horizontes da comunicação por outras óticas se faz urgente. O FALA! pretende fomentar a formação de uma rede de mídias e profissionais independentes capaz de promover um debate amplo sobre os grandes temas atuais do país e do continente. Slam, hip hop, repente, teatro documental, dentre outros, são apresentados como alternativas de narrativas possíveis, já apoderadas pelas inúmeras iniciativas de cultura e de comunicação populares, do norte ao sul do país, como possibilidades jornalísticas e informativas.

O festival teve início em 2020, e em 2022 chegou a sua terceira edição. As duas primeiras edições, 2020 e 2021, foram totalmente online, pois foram anos em que enfrentamos a pandemia de Covid-19 e, não só o Brasil, como o mundo, foram obrigados a respeitar protocolos de isolamento social recomendados pela OMS, Organização Mundial da Saúde. Em 2022 aconteceu a primeira edição presencial na cidade de Salvador, Bahia, considerada uma das cidades mais negras do mundo.

De acordo com os organizadores, além de escolher cidades que não fazem parte do eixo Rio-São Paulo para sediar o evento, as preferidas das organizações de mídia hegemônica, os organizadores do festival destacam a necessidade de, em cada edição, procurar trazer para o diálogo o mais diverso número de pessoas como painelistas. Então, nas três edições, foi possível uma diversidade de raça, classe, gênero e território, preocupação que não se nota em festivais do jornalismo tradicional. Um festival repleto de pessoas indígenas, negras, LGBTQIA + é a marca do Festival FALA!

Ainda na voz os organizadores, a diversidade de temas, raça, gênero e região do país é tema central do festival, e se faz presente desde a escolha dos conteúdos de discussão, seleção de painelistas que fazem parte da programação⁹, e também na contratação de colaboradores responsáveis pela estrutura técnica do festival.

São discussões práticas e também teóricas presentes no dia-a-dia do jornalismo, onde é possível debater sobre a interação do jornalismo com a cultura e a arte, como o painel que aconteceu na edição de 2020, o 'Jornalismo tem lado?'. Onde a jornalista e professora da Universidade de Pernambuco, Fabiana Moraes, dialoga sobre o tema com a jornalista periférica do Rio de Janeiro, Gisele Martins, e a rapper periférica, negra e transativista

⁹ Programação das três edições do Festival FALA! - <https://festivalfala.org.br/#>

residente na periferia da cidade de São Paulo, Jup do Bairro. Com mediação do jornalista negro e professor universitário André Santana, cofundador do portal Correio Nagô, de Salvador, Bahia.

Ou temas que abordam diferentes áreas que vão desde a formação do jornalista e comunicador sobre inserção no mercado de trabalho. E também assuntos sobre gestão e modelos de negócio visando a sustentabilidade de uma organização de jornalismo independente como o painel 'O papel do jornalismo econômico no processo de desumanização das periferias'. Painel este que contou com a jornalista indígena Elaíze Farias, do Amazônia Real, o economista negro Gilvan Bueno Costa, do Rio de Janeiro, e de Mônica Santana, jornalista e atriz de Salvador, Bahia.

Para os organizadores, o festival se dedica a discutir também novos formatos usados no jornalismo e na comunicação como o painel 'Jornalismo Influencer: resistência narrativa nas redes'. Onde jornalistas e comunicadores mais jovens como Sâmela Sateré Mawé (Apib), estado do Amazonas, Raull Santiago, comunicador do Complexo do Alemão, e Martihene Keila, mulher negra e liderança jovem da mídia Sargento Perifa, periferia de Pernambuco, dialogam com o experiente jornalista e escritor Xico Sá, que já atuou nos principais jornais e revistas do país.

A partir da segunda edição, em 2021, o festival trouxe também cursos ministrados pela professora doutora da USP, Rosane Borges, como 'Diversidade, pluralidade e inclusão: requisitos para um jornalismo democrático', e 'Música, literatura, teatro e dança: trançado de códigos que informam sobre o mundo.

A partir de 2022, com o enfraquecimento da pandemia de Covid19 e com a volta da possibilidade de reunir pessoas em espaços fechados, o FALA! passa a ser híbrido, presencial e online, onde foi possível experimentar intervenções artísticas de teatro, música e poesia no diálogo entre discussões de painéis e oficinas. Por exemplo, uma performance poética de Amanda Rosa, rapper da Chapada de Diamantina (BA), era apresentada como introdução ao painel 'O lugar da utopia em um mundo distópico'. Onde dialogam Cristiane Guterres, jornalista, apresentadora da TV Cultura, o professor Hélio Santos, doutor em administração e fundador do IDB e Cintia Guedes, doutora em comunicação pela UFRJ. A apresentação artística foi a introdução da discussão sobre o quanto os ideais de uma sociedade igualitária,

verdadeiramente democrática e antirracista, podem impulsionar a agenda política em um contexto de avanço do autoritarismo, da violência e do preconceito.

Para os fundadores do FALA!, as interações mostradas acima reforçam a ideia de como o diálogo entre comunicação, cultura e a arte, explorados durante o festival apontam caminhos para a discussão de um jornalismo mais plural que represente a diversidade presente no estado brasileiro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

'Meu meio de comunicação é o Rio' (Walter Kumaruara, comunicador indígena)

A fala transcrita acima é de Walter Kamaruara, comunicador da Rede Mocoronga¹⁰, de Santarém, estado do Pará, e ocorreu durante a mesa 'Jornalismo Offline pós pandemia'¹¹ na primeira edição do Festival FALA!, em 2021. Esse trecho é um exemplo da diversidade de saberes e formatos que podemos encontrar na forma de narrar e produzir histórias nesse país continental que é o Brasil.

Como destaquei no início do artigo, no país existem 26 estados, acrescentando o Distrito Federal, todos eles com suas características culturais, geográficas, de territorialidade e linguagens diferentes na forma de se expressar, contar e narrar histórias. Reforçando o que foi dito no início, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), só entre indígenas temos 305 etnias ou povos e 274 línguas.

Por questão de justiça social e representatividade, precisamos nos perguntar se vemos profissionais indígenas no jornalismo, ou como comunicadores e artistas. Com 56,2% da população brasileira de acordo com a PNAD, também vale a mesma pergunta para a população negra, pessoas LGBTQA+. Temos que questionar também se o jornalismo hegemônico trata tais temas, tais corpos, se existe equidade e respeito às vozes. Pelo que discutimos neste artigo, nos parece que não. Pois aliado ao poder hegemônico, o jornalismo hegemônico, ou tradicional reporta-se apenas a um pequeno grupo, de acordo com seus privilégios, ilustrados perfeitamente nos dados de desigualdade social apontados pelo IBGE no início do artigo.

Organizações que atuam no Jornalismo de Causas e que ajudam a construir iniciativas como o Festival de Comunicação, Culturas e Jornalismo de Causas, tem a intenção de contribuir para o exercício de um jornalismo mais inclusivo trazendo a diversidade de saberes, de territórios, a diversidade de linguagens, e a arte para o centro do debate. Mas o caminho é longo e tentamos aqui, durante este artigo discutir alguns caminhos.

A provocação do pesquisador Chris Atton descrita durante esse artigo se mostra pertinente ao observar em suas pesquisas que veículos provenientes desse 'novo jornalismo', como diz a pesquisadora Sandra Fernandes, ou do jornalismo alternativo, como descreve o

¹⁰ <http://redemocoronga.org.br/>

¹¹ Festival Fala! Mesa 4 - Jornalismo offline pós pandemia - https://www.youtube.com/watch?v=pVWMWqDa_JA

próprio Atton, se assemelha muito do jornalismo tradicional ou hegemônico no momento de se organizar, narrar ou procurar histórias. Portanto, veículos de Jornalismo de Causas que não procuram novos formatos para discutir sua produção, mediar diálogos, e produzir conteúdo buscando novas linguagens com o pluralismo cultural existente no país, estarão fadados a ficarem aprisionados dentro da mesma bolha que o jornalismo tradicional ou hegemônico, como que Atton bem pontuou.

Pensar e produzir um festival como o FALA! é um caminho para dar vazão ao que a objetividade buscada no dia-a-dia, vinda dos fatos, e apurações, não acomode o olhar deixando-o mecânico e pouco criativo. O espaço construído onde o diálogo é mediado com outras linguagens, com arte, que não seja só o texto, pode garantir o alcance da subjetividade buscada nas histórias, fontes, e talvez do próprio jornalista ou comunicador, e que se equilibre com a objetividade. Equilíbrio esse que levantou Sandra Fernandes, que pode ser um dos principais elementos de organizações que têm o Jornalismo de Causas como vertente.

Essa busca, por assim dizer, pode desarmar a armadilha da mesmice editorial e organizacional muito bem apontada por Atton. Por outro lado, essa liberdade e criatividade pode deixar esse 'novo jornalismo' mais próximo da disrupção trazidas por movimentos sociais, culturais, que tem na Mídia Radical sua principal forma de se comunicar, como demonstrada por Downing. O grafite, o hip hop, Slam, o teatro de rua e demais elementos podem funcionar como mídia, como linguagem e podem ajudar o jornalismo a mediar diálogos.

Por fim, temos a contribuição do trabalho do professor Dennis Oliveira ao diálogo proposto nesse artigo. No texto, Oliveira chama a atenção de como as metodologias da Educação podem contribuir para o futuro do jornalismo, pensando o jornalismo de forma emancipadora. E ao trazer metodologias e pensadores presentes no campo da Educação, Oliveira nos dá dicas de como a ação transformadora e as ações culturais defendidas por pensadores do campo da Educação como Paulo Freire, Oscar Jara e Martin Baró, podem ajudar a construir um fazer jornalismo mais democrático.

Dialogando com o Oliveira, percebemos que o jornalismo hegemônico funciona nesta chave hoje, inerte, sem desejo de mudança de tão mergulhado dentro das entranhas do status quo e das estruturas de poder. Pois, de acordo com o pensador, este tipo de jornalismo vive

para alimentar o capital e viver de intolerância e opressão. Por isso movimentos sociais são alvos a serem batidos. Para a classe hegemônica os movimentos sociais devem procurar se adaptar a essa realidade, buscar auxílio, e não emancipação. Sem questionar as hierarquias instituídas.

Oliveira destaca a importância de atores que visitam a centralidade da dimensão relacional abordada por Freire, pois são ações que tem como objetivo a liberdade. Para o pesquisador, ao lutar contra a opressão de forma coletiva, tais atores lutam também por uma repactuação de um projeto coletivo. E por isso não se deve pensar o jornalismo fora dessa chave de construção coletiva e da repactuação, onde a experiência humana deve ser vista como valor. E para isso vale pensar em metodologias de observação, de fenômenos sociais como fizeram Jara, Freire ou Baró na educação.

Uma definição do jornalismo emancipatório usando a metodologia de Jara, onde trocamos o tradicional 'Lead' (elemento de construção narrativa do jornalismo): o quê, quando, onde? Pelo: porque aconteceu isso que aconteceu, e não aconteceram outras coisas? O resultado desse jornalismo emancipatório pode trazer mais dúvidas do que certezas, subjetividades. Mas talvez seja o que precisamos para pensar o futuro utópico em busca de novas alternativas de sociedade como cunhou Oliveira. Voltando a Freire, essa busca por alternativas pode resultar não só em mudanças para o oprimido, mas também para o opressor. Vale ter em mente que pelo pensamento de Freire, buscamos a emancipação de quem aprende, mas também a emancipação do professor. Por isso o jornalismo emancipatório tem lado, que é o dos oprimidos. Não se trata de levantar ou aderir bandeiras, se trata de reconhecer os problemas sociais e estruturais que temos, entender as relações sistêmicas de opressão, e superá-los. Isso sempre entendendo as relações e experiências cotidianas de singularidade

Oliveira cita o geógrafo Milton Santos em seu trabalho, e concorda na pontuação sobre a nova globalização que vem das periferias. Talvez esse possa ser um dos objetivos do Festival Fala! . Através de um jornalismo emancipador, em comunhão, debater, dialogar e mediar sobre novos olhares e perspectivas.

Para encerrar, vemos no trabalho de Oliveira e também no do pesquisador Chris Atton, uma preocupação com a formação do jornalista. Pois de pouco adianta tentarmos uma definição e atuação do Jornalismo de Causas, ou de caráter emancipatório, sem pensar na

formação desse jornalista ou comunicador. Para isso é necessário que o jornalista tenha uma formação humanista e compromisso com a transformação, que vai contra a esfera pública como espetáculo e reconstrua a esfera pública voltada para a cidadania, da vida política e da coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTON, Chris - **What is ‘alternative’ journalism?**, Napier University, Edinburgh, 2003

DOWNING, John D. H. - **Mídia radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**, Ed Senac, segunda edição, 2001

FERNANDES, Sandra Teixeira - **Jornalismo de Causas: O ambiente como análise de conteúdo** - artigo científico, Instituto Politécnico de Tomar - Escola Superior de Tecnologia de Abrantes, 2007

OLIVEIRA, Dennis - **Jornalismo e emancipação: Uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**, editora Appris, 2017

APÊNDICE A – Fichas e entrevistas
(material produzido pelo pesquisador)

A1 Fichas de pesquisa

ENTREVISTA COM ROSENILDO FERREIRA, PORTAL 1 PAPO RETO

Nacionalidade: Brasileiro

Idade: 61 anos

Profissão: Jornalista

1) Como você entende o termo ‘imparcialidade’ ou ‘neutralidade’ no jornalismo?

A imparcialidade e a neutralidade têm sido perseguidas pela imprensa, a partir de meados da década de 1960, quando o jornalismo começou a assumir um perfil mais profissional. Isso não significa dizer que a imprensa, de modo geral, tenha conseguido atingir tal objetivo. Afinal, todos os veículos possuem uma linha editorial à qual a equipe de repórteres, cinegrafistas e repórteres têm de se adaptar. Além disso, dificilmente conseguimos abandonar nossos vieses quando atuamos numa profissão que confere tanto poder ao intermediário.

2) Para obter ética jornalística é necessário ser imparcial? Sim? Não? Por quê?

Para responder a essa pergunta somente com uma tese de mestrado, tamanha a sua complexidade. Sem dúvida a ética jornalística não prescinde da imparcialidade. Contudo, o conceito de imparcialidade fica prejudicado quando lembramos que a imprensa é um negócio empresarial e, como tal, é pautado por interesses.

3) Veículos que compõem a mídia hegemônica se definem como imparciais? Você concorda com isso? Sim? Não? Por quê?

Não existe mídia imparcial. Nem pública, tampouco privada. A mídia hegemônica, no entanto, sofre mais pressões e por conta disso, tende a ser mais suscetível a correções de rota. Haja vista o processo vivido pelas Organizações Globo, ao longo da década de 2000.

4) Para você, o que é jornalismo de causas?

É aquele que é pautado pela empatia, que coloca no centro do debate o sujeito da ação e possui um olhar humanizado para as personagens que retrata. O jornalismo de causas também antecipa as grandes pautas sociais e econômicas, dando-lhes um tratamento diferenciado: a partir da ótica do bem comum, e não apenas do grupo privilegiado e detentor do poder político e econômico. Em suma, trata-se de um jornalismo que tem lado: a prestação de serviço com qualidade e respeito à diversidade e à pluralidade de pensamento.

5) É possível ter ética jornalística e ‘ter lado’ ao mesmo tempo? Sim? Não? Por quê?

Sim. O “lado” pode ser o da “verdade” e o do bem comum, por exemplo.

6) O veículo que você faz parte é considerado uma organização de jornalismo de causas? Sim? Não? Por quê?

O portal de notícias 1 Papo Reto é uma iniciativa que nasceu focada nos temas da sustentabilidade e da promoção da diversidade racial e de gênero. Contudo, ao longo dos anos tem evoluído para a vertente de causas, mas sem abandonar a defesa intransigente da

diversidade e da sustentabilidade, mas adicionando editoriais como as de inovação e empreendedorismo de impacto social. O foco em causas, tem se tornado um elemento transversal ao longo de todas as reportagens e artigos. Uma vez que o viés que rege a produção do material editorial é o respeito ao personagem e as causas de impacto socioeconômico.

7) Jornalismo de causas pode ser considerado o mesmo que jornalismo de nicho (ou segmentado)? Sim? Não? Por quê?

Não, necessariamente. Como citado anteriormente, o jornalismo de causas é mais uma postura e uma “visão de mundo” do que, necessariamente, uma “editorial” ou um nicho a ser ocupado. É mais um processo e uma postura que um “destino”.

8) Jornalismo de causas e jornalismo independente são semelhantes? Sim? Não? Por quê? Não, pois nada impede que um veículo do mainstream adote essa vertente jornalística. Esse modo de fazer o jornalismo.

9) O que te motivou a ser um dos organizadores de um festival que traz o debate sobre jornalismo de causas? Como foi a experiência?

ENTREVISTA PEDRO BORGES, ALMA PRETA JORNALISMO

Nacionalidade: Brasileiro

Idade: 27

Profissão: Jornalista

1) Como você entende o termo ‘imparcialidade’ ou ‘neutralidade’ no jornalismo?

Na verdade eu entendo como termos falaciosos dentro do jornalismo, acho que não existe imparcialidade e neutralidade e acho que é uma busca tola tentar ir atrás disso. Acho que o jornalista deve ir atrás da objetividade, o jornalista tem que ser objetivo. Os veículos de comunicação tem uma linha editorial, e acho que ela não é um problema, e o jornalista tem que ser objetivo. E ser objetivo é fazer bem o que manda o receituário do jornalismo, a técnica do jornalismo. Então é fazer uma boa apuração, é ter a possibilidade de ouvir as demais atrizes e demais atores da reportagem, do fato envolvido, fazer uma apuração precisa, objetiva de números, dados e estatísticas, entrevistar especialistas e de maneira alguma imaginar que a sua versão é mais importante que o fato em si. Muitas vezes a gente tem uma versão, de uma maneira natural. Mas quando a gente depara com o fato, o fato dá uma outra visão pra gente com relação ao acontecimento. E acho que aí cabe ao jornalista ser objetivo o suficiente para não tentar dizer que o fato está errado e o que está certo é a sua versão.

2) Para obter ética jornalística é necessário ser imparcial? Sim? Não? Por quê?

Ser ético é, de alguma maneira, jogar limpo, é trabalhar com o real. Você tentar colocar que sobre a questão da imparcialidade, eu acho que não é ser ético. porque a gente sabe que a imparcialidade, não só no jornalismo, mas na sociedade, ela é algo impossível. Pois numa sociedade repleta de conflitos e desigualdades é impossível você ser imparcial. É impossível ter algo que possa atender aos interesses de todos da mesma maneira, e aí cabe ao jornalista se colocar mais próximo de um lado da história ou mais próximo do outro. Agora, é possível você assumir que você é parcial, que você não é neutro, mas ser objetivo. e aí eu acho que a objetividade e a ética do jornalista. Eu acho que assim, todo jornalista tem uma percepção do mundo, mas eu não acho que é ético você impor a sua percepção do mundo sobre a realidade dos fatos. Muitas vezes os fatos e as realidades e principalmente a sua complexidade

apresentam caminhos, saídas e aspectos que a versão e a percepção do jornalista não dão conta. Então é muito importante que o jornalista tenha a ética de ser um bom observador e um bom narrador da sociedade.

3) Veículos que compõem a mídia hegemônica se definem como imparciais? Você concorda com isso? Sim? Não? Por quê?

Não concordo. E nem colocaria mídia hegemônica, eu colocaria imprensa corporativa. Porque será que ela é tão hegemônica? Eu não sei mais se ela é tão hegemônica assim. O Bolsonaro foi eleito presidente do país e se mantém presidente do país mesmo em conflito com os principais canais de imprensa do Brasil. O Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil com o mínimo tempo de televisão e o Geraldo Alckmin que tinha o maior tempo de televisão não conseguiu decolar em momento algum a sua campanha. Então, primeiro é que eu já faço esse apontamento, e segundo é que é uma brincadeira de mau gosto [a imprensa corporativa, no caso] se colocar como imparcial, pois eu acho que existe uma ideologia muito forte por detrás disso. O jornalismo se coloca como imparcial porque parece que existe hoje um único projeto de sociedade que está colocado, que é uma sociedade de mercado, uma sociedade liberal. Parece que é ser técnico, ser especialista dizer que não existe mais esquerda ou direita, e de que o único projeto existente na sociedade é o projeto esse (de mercado e liberal), que no final das contas, é o projeto dos veículos da imprensa corporativa. A Folha é um canal de comunicação liberal e totalmente pró-mercado e ela não esconde isso na sua linha editorial, então automaticamente ela não é imparcial. Agora existe uma ideologia de que ser imparcial é ser liberal e pró-mercado e acho que isso a gente tem que combater. então eu acho que os veículos de comunicação tem um posicionamento, eles nos seus editoriais assumem esse posicionamento, mas eles tentam, através de uma ideologia, tentar colocar que esse é um posicionamento técnico e não de esquerda ou direita, e isso é uma falácia. Então novamente eu acho que os veículos de comunicação da imprensa corporativa se utilizam de uma ideologia, se utilizam de ferramentas para enganar a população. E isso não é ético.

4) Para você, o que é jornalismo de causas?

O jornalismo é muito mais que o receituário liberal coloca, de que é o acompanhamento das grandes instituições, o acompanhamento dos poderosos e do bom funcionamento do país. O jornalismo é uma ferramenta muito poderosa, e eu acredito que seja uma ferramenta de transformação social. A gente vive em uma sociedade extremamente injusta, extremamente desigual, e eu acho que o jornalismo cumpre a possibilidade de um papel de transformar a sociedade em um ambiente muito mais agradável e democrático para a vida de todo mundo. Então eu acho que isso é jornalismo de causas, é de alguma maneira um jornalismo que tem um posicionamento que é objetivo e que se utiliza das ferramentas do jornalismo para apresentar e para enfrentar os grandes problemas, sobretudo as desigualdades e a brutalidade do cotidiano brasileiro.

5) É possível ter ética jornalística e ‘ter lado’ ao mesmo tempo? Sim? Não? Por quê?

Lógico, acredito que é bem possível ter ética e ter lado. Na verdade, assumir um lado é ser ético para início de conversa. Se vc não assume seu lado você não é ético, porque o seu lado está colocado. mesmo aquela pessoa que diz, 'eu não tenho lado, eu não vou optar por um lado', ela automaticamente já assume um lado. que é o lado da maioria, que é o lado do status, que é o lado por onde as coisas caminham com o consentimento daqueles que se silenciam diante das violências e das desigualdades. Então eu acho que o primeiro ponto para você ser ético é você assumir o seu lado.

6) O veículo que você faz parte é considerado uma organização de jornalismo de causas? Sim? Não? Por quê?

Sim, eu acho. Talvez o Alma Preta não seja chamado dessa maneira, como jornalismo de causas, mas ele é entendido como um jornalismo parcial, um jornalismo que tem lado. Agora, eu acredito que a gente é também entendido, como os nossos parceiros, como a Ponte, Marco Zero Conteúdo, 1Papo Reto e tantos outros exemplos que a gente tem, como jornalismo objetivo. Não acho que a gente pode se colocar, ou fazer uma falsa comparação ao que a gente faz ou ao que alguns blogs bolsonaristas fazem, que por exemplo se utilizam e muito das técnicas das fake news, pra tentar fazer uma mudança na esfera pública, no campo de discussão da sociedade. A gente não se utiliza dessas ferramentas. Então eu acho que a gente é sim entendido como jornalismo de causas, como jornalismo parcial e talvez como eu disse, não nesses termos, mas somos entendidos enquanto um jornalismo muito ligado à questão étnico-racial no Brasil, mas acho que a gente é entendido enquanto jornalistas, enquanto objetivos, e que temos um cuidado muito grande com a operação e com a técnica.

7) Jornalismo de causas pode ser considerado o mesmo que jornalismo de nicho (ou segmentado)? Sim? Não? Por quê?

Não sei se pode ser considerado a mesma coisa. Eu não me colocaria enquanto jornalismo de nicho. Eu acho que essas causas ultrapassam qualquer nicho. Se a gente vai falar sobre raça, desigualdades e racismo no Brasil, a gente tá falando dos principais panos de fundo do país, né? Que é no final das contas a desigualdade social que passa pela questão racial, pela questão de gênero. Então, qual foi o grande problema da pandemia, talvez tenha sido a desigualdade social, o fato de as pessoas não terem nenhuma estrutura, e outras pessoas terem estruturas demais. E quem tem demais não se importa com quem não tem. Então eu acho que a gente não pode ser considerado como jornalismo de nicho por mais que, eu acho, que as pessoas nos enquadrem dessa maneira, mas é algo que a gente tenha que lutar contra.

8) Jornalismo de causas e jornalismo independente são semelhantes? Sim? Não? Por quê?

Acho que depende um pouco da definição que a gente está dando para a mídia independente, né? O que é ser mídia independente? Independente de quem? Tem como você ser independente totalmente? Numa vida em sociedade coletiva ninguém é independente de tudo. As pessoas podem ser dependentes de seu assinante, de seu público, e isso já transforma você em dependente de alguma coisa. E aí, pode-se colocar também, para esse jornalismo, por exemplo um questionamento que este jornalista vai ter peito, por exemplo, para enfrentar seu público? De publicar uma notícia que o seu público não vai gostar? Isso também é ter também um nível de dependência. Ser independente hoje na minha opinião é você ter um jornalismo diversificado em seu modelo de negócios e que tenha uma linha editorial também autoral. Que não sejam alinhados a interesses, principalmente aos interesses corporativos. Eu acho que você estar alinhado a interesses da sociedade é muito diferente de você estar alinhado a interesses de, sei lá, de um grupo que pode representar 1% da população e ter um impacto muito grande do que é decidido no país. Então eu acho que a primeira questão é essa, sobre o que é esse jornalismo independente. E aí eu acho que essas organizações de jornalismo de causas são enquadradas como mídias independentes. Não sei se o contrário se aplica. Não sei se toda mídia independente, jornalismo independente se auto reivindicam enquanto jornalismo de causas, mas eu acho que todo jornalismo de causas está dentro da mídia independente. Mas é isso, faço esse questionamento sobre o que é e não é mídia independente, e eu acho que tem outras mídias que poderiam cair dentro deste conceito, de mídia independente, mas hoje não são colocadas. Hoje são essas novas experiências de jornalismo que são financiadas por grandes fundações. Vale aí um questionamento se isso é ser independente também.

RESPOSTAS DE LAERCIO PORTELA

Nacionalidade: Brasileiro

Idade: 51

Profissão: Jornalista

1) Como você entende o termo ‘imparcialidade’ ou ‘neutralidade’ no jornalismo?

Eu não acredito que exista neutralidade ou imparcialidade na produção do jornalismo, na produção de conteúdo jornalístico. Você sempre fala ou vê o mundo de algum lugar, um lugar que tem história, um lugar que tem percepções sobre a realidade, que são distintas. Então não existe esse 'não lugar', um lugar que não há história, não há percepções anteriores, não há vivências anteriores. Um 'não lugar' onde se enxerga a realidade do alto e não se é influenciado por esta realidade. Então eu acredito que não existe nem neutralidade e nem imparcialidade no jornalismo. O que muitas vezes a gente vê como imparcialidade, é que ali está dada uma postura que parece ser universal, é aceita como universal, como o consenso, mas ela é uma visão. De toda forma ela é uma abordagem e não a realidade em si. Então eu acredito que não existe imparcialidade, a gente sempre fala de algum lugar posicionado, e também não existe neutralidade no jornalismo. A gente sempre fala, quem escreve, quem retrata a realidade sempre o faz a partir de um lugar social, a partir de um modo de ver o mundo, com valores, com preconceitos, com percepções que antecedem aquele olhar, então não existe esse 'não lugar', esse lugar onde você enxerga a realidade do alto e não é influenciado por ela e não tem nenhuma história anterior a ela. Não existe esse não lugar da imparcialidade ou da neutralidade. Esse instrumento da neutralidade, da imparcialidade, esse discurso, ele muitas vezes é usado para reforçar idéias, concepções e abordagens que parecem universais, que se apresentam como consensos, mas que na verdade são uma abordagem, um olhar sobre a realidade, e não a realidade em si. Então eu não acredito na imparcialidade e na neutralidade, pois muitas vezes são instrumentos para vender uma idéia que parece universal, mas não é, é apenas uma percepção da realidade. Uma reprodução de um pensamento hegemônico e que se coloca muitas vezes para barrar, para desconstruir outras percepções divergentes na sociedade.

2) Para obter ética jornalística é necessário ser imparcial? Sim? Não? Por quê?

Não acho que seja necessário ser imparcial para ser ético no jornalismo. Acho que o mais importante do que ser imparcial, aliás, eu nem acredito nesse conceito da imparcialidade, é o conceito da transparência. Você ser transparente no processo de apuração de um conteúdo, para o público leitor, ou ouvinte, para quem você está apresentando este conteúdo, saiba como foi o processo de apuração e como você chegou aquelas informações. Por isso acho que a transparência é um ponto fundamental. Outro ponto fundamental da ética jornalística é a escuta. Apesar de a gente sempre falar de um lugar social, de nossas visões anteriores sobre o mundo, nossas empatias anteriores, nossos preconceitos, a melhor forma, considerando que não existe imparcialidade mas existe essa carga histórica de percepções que a gente traz, a melhor forma de a gente ser ético no jornalismo é a capacidade de escuta, a capacidade de ouvir o outro, mas ouvir de verdade. Pra você contar essa história você precisa ouvir essa história, e ouvir de diversas formas, de diversas abordagens e diversos atores. Acho que os aspectos mais importantes da ética jornalística tem a ver com a transparência e com a capacidade de escuta. Porque a capacidade de escuta vai trazer mais diversidade, mais abordagens e mais olhares para esse jornalismo. E claro, tem que ter também uma percepção

de valorização da democracia, dos direitos humanos e da proteção à vida dos grupos mais vulneráveis. Inclusive, a informação não pode estar acima do direito à proteção da vida das pessoas. Então existem alguns princípios éticos que são muito mais fundamentais do que essa suposta imparcialidade: a capacidade de escuta, transparência, respeito à vida, aos direitos humanos. Esses sim são os arcabouços teóricos, de princípios que devem reger o jornalismo.

Uma observação sobre a ética no jornalismo: é importante a contextualização. Pois quando você produz uma informação, precisa contextualizá-la. Então existe a questão da transparência, da capacidade de escuta, mas a contextualização também é importante, relacionar aquelas informações é um contexto. Porque muitas das mentiras e desinformações que estão rolando na internet estão associadas à falta de contexto. Então contextualizar, ligar o contexto, ligar as pontas das informações, uma à outra, historicizar isso, contextualizar o ambiente social onde aconteceram aqueles fatos também é muito importante para o sentido da produção ética do jornalismo.

3) Veículos que compõem a mídia hegemônica se definem como imparciais? Você concorda com isso? Sim? Não? Por quê?

Não. Muitos dos veículos hegemônicos se vendem como imparciais, mas eles não são. Muitas vezes por serem hegemônicos eles reproduzem idéias e abordagens hegemônicas, de grupos hegemônicos, que são os grandes grupos que eles acessam. Na verdade, a posição desses grupos é o lado do mercado, dos principais grupos políticos, dos grandes grupos econômicos. Esse jornalismo hegemônico está muito atrelado ao empresariado, aos grupos que detêm já, historicamente, o poder político no Brasil. Porque esses jornais, esses veículos de comunicação nasceram a partir desses poderes e vivem neste ambiente de poder também, então eles reproduzem muito dos preconceitos e das maneiras de ver o mundo desses grupos hegemônicos. Uma mídia nasce desses grupos hegemônicos e reproduzem essas idéias, né? Tá aí o apoio por exemplo à autonomia do Banco Central, tá uma agenda de apoio de ajuste fiscal. Basta lembrar da cobertura dos primeiros anos do MST, a criminalização do MST, a criminalização dos movimentos sociais, existem vários indicativos que não existe imparcialidade na mídia hegemônica. É claro que não podemos chegar aqui com a visão de que tudo está errado, toda cobertura é negativa na mídia hegemônica, não é isso. Se fosse assim, seria mais fácil da gente ver essa distorção. Na verdade a gente tem muitas coberturas interessante e muito importantes que os meios hegemônicos, que os grandes grupos tradicionais fazem, com o olhar plural e tal, mas na essência, no total, o que não se mexe é esse olhar, esse apoio, pelo menos no Brasil, da mídia hegemônica para o mercado, para as elites econômicas e políticas. Isso nunca mudou no Brasil

4) Para você, o que é jornalismo de causas?

Acho que o jornalismo de causas é um jornalismo que se posiciona abertamente em defesa de algumas causas específicas. A gente tem visto crescer muito, especialmente nas periferias brasileiras, um movimento do fortalecimento de um jornalismo, da produção de conteúdo em defesa daquelas populações periféricas. Um jornalismo contra o racismo, antirracista, um jornalismo que apresenta perspectivas diferentes e questionam o pensamento hegemônico. E como eles questionam o pensamento hegemônico, que parece ser universal pelo consenso, muitas vezes é entendido como 'não jornalismo', quando não é, é apenas um outro tipo de jornalismo posicionado. Porque o jornalismo da mídia hegemônica também é um jornalismo posicionado, só que é um jornalismo posicionado que se vende como imparcial. Eu vejo que o jornalismo de causas, nesse sentido do jornalismo independente, é um jornalismo transparente, mais aberto, que assume alguns princípios éticos, e a defesa de algumas causas, especialmente sociais importantes, e está muito associado a defesa de grupos mais

vulneráveis, ou de populações que comumente não alcançam, não ocupam esses espaços na mídia hegemônica. Eu acho que o jornalismo de causas é hoje um ponto muito importante na comunicação e na política brasileira para fazer o contraponto ao avanço do conservadorismo, do autoritarismo, e se manifesta na auto política desde o contraponto ao presidente da república, como no cotidiano da vida que é vivida nas periferias em contraponto por exemplo à violência e impunidade policial

5) É possível ter ética jornalística e ‘ter lado’ ao mesmo tempo? Sim? Não? Por quê?

É completamente possível sim você ter lado e você ter ética no jornalismo. O mais importante que ter lado, é deixar claro que lado é esse. Aquela coisa que eu tinha falado do princípio da transparência. Que lado é esse? Para que o leitor que acompanha esse jornalismo saiba que lado é esse, e não tenha subterfúgios de fazer uma defesa sem dizer o nome das coisas, sem admitir que defesa você está fazendo. e veja, o jornalismo independente, especialmente esse jornalismo independente posicionado ter se fortalecido no Brasil, ele está aí em defesa da vida, não em defesa de uma coisa particular menor. É em defesa dos princípios constitucionais que deveriam reger a política brasileira, direito à saúde, direito à imagem, direito à vida, direito à educação. Então acho sim que é possível ter ética e fazer um jornalismo posicionado, com transparência, escuta e contextualização. São princípios deste jornalismo posicionado que não tem medo de dizer o nome das coisas. Chamar de racismo o que é racismo, chamar de autoritarismo o que é autoritarismo, chamar de extrema direita o que é extrema direita. Porque se a gente começa a nomear as coisas pelo que elas são, ou seja, nos posicionar, de forma mais transparente e aberta, dizendo o porquê a gente está dando aquele nome às coisas, eu acho que isso é um ponto que o jornalismo posicionado trás, e que é bem importante para fortalecer alguns daqueles princípios democráticos e sociais que estão na constituição brasileira, que estão na declaração dos direitos universais, e que muitas vezes ficam mascarados ali na cobertura da mídia hegemônica, que conta os conflitos da realidade através da palavra 'polêmica' pra falar de racismo, preconceito, de ataque a democracia, a constituição. então, dizer o nome das coisas, se posicionar com transparência e com capacidade de escuta fazem toda a diferença e sim, são princípios éticos importantes

6) O veículo que você faz parte é considerado uma organização de jornalismo de causas? Sim? Não? Por quê?

Sim, podemos dizer sim. A Marco Zero é uma organização que pratica o jornalismo de causa. E isso fica muito claro, evidente, nos editoriais que a gente lança na plataforma onde está ali muito evidente a nossa posição, de forma transparente, de que lado nós estamos. Mas fica muito mais manifesto no cotidiano das reportagens que a gente produz. São reportagens que questionam muito os poderes constituídos, seja o poder político, seja o poder público institucional, mas também o poder privado, econômico. Então a gente questiona os poderes e defende os direitos especialmente de grupos que estão mais vulneráveis aos ataques dos poderes constituídos. Esse é o jornalismo de causas que a gente produz cotidianamente e de forma transparente. Então a gente vai mostrar essas opressões, e trazer novos personagens, novos protagonismos e sempre questionando esse poderes, por exemplo, a perspectiva do direito à cidade, do direito à água, do saneamento, o direito à ocupação do território pelas camadas sociais mais de baixa renda e de outros grupos mais diversos. A gente não pode ficar calado ao ver o capital privado associado ao poder político instituído, desenhar a cidade com uma política de gentrificação sem denunciar essa política, sem expor essa política. então quando a gente fala em jornalismo de causas, a gente está falando de uma cobertura mais

crítica em relação aos poderes públicos, privado, político e à defesa de direitos. Esse é o grande norte, digamos assim, do jornalismo de causas. Ele questiona o pensamento hegemônico, ele questiona os consensos que estão supostamente dados, e ele questiona isso pela diversidade, pelo tensionamento e a não naturalização desses supostos consensos trazendo os conflitos à tona e dá nome a esses conflitos, isso é o jornalismo de causa.

7) Jornalismo de causas pode ser considerado o mesmo que jornalismo de nicho (ou segmentado)? Sim? Não? Por quê?

Não acho que jornalismo de causas seja necessariamente um jornalismo de nicho. Eu acho que uma coisa não é sinônimo da outra. Acho que é possível sim fazer um jornalismo de causa amplo, sem o corte específico ali de um segmento da sociedade ou de um grupo específico. Acho que sim é possível, e acho que não esteja associado exatamente, embora exista sim um jornalismo de nicho, quando você está ali cobrindo um recorte da sociedade. você pode ter um jornalismo de causas de nicho, mas acho que é possível sim fazer um jornalismo mais amplo. A Marco Zero pratica um jornalismo de causa que não é de nicho. Nós abordamos esse olhar crítico em relação aos poderes políticos, privado, econômico, institucional, público em vários aspectos da sociedade, em várias áreas da sociedade, então, acho sim extremamente possível fazer um jornalismo de causas que não seja de nicho. E muitas vezes vai haver um olhar querendo colocar, categorizar, o jornalismo independente numa caixinha, num lugar, tirando desse jornalismo a legitimidade ou a autoridade de falar sobre outras questões. Não vejo problemas no jornalismo de nicho, acho que é um jornalismo importante, permite uma especialização, um aprofundamento de temáticas, é um jornalismo super importante sim, especialmente nessa perspectiva de garantia de direitos, mas acho também que há espaço para esse jornalismo de causas mais amplo que cubra vários aspectos da sociedade a partir daquele olhar mais crítico.

8) Jornalismo de causas e jornalismo independente são semelhantes? Sim? Não? Por quê?

Não, eu não faria essa associação direta, que jornalismo de causas e jornalismo independente são as mesmas coisas. A gente tem um leque muito diverso de grupos de jornalismo independente, né? diversos em suas origens sociais de raça, gênero, de perspectivas de diversidade, em acesso a recursos públicos ou privados. Então o jornalismo independente não cabe só numa caixinha, nem que seja essa do jornalismo de causas. Ele é muito diverso territorialmente, geograficamente, de olhares bem diversos, e eu acho que é importante que seja diverso mesmo. Para que a gente tenha olhares, abordagens nesse espaço do debate, da disputa política pública você tem vários olhares e abordagens distintas da realidade. Acho que o jornalismo de causas é uma vertente importante de muitos destes veículos do jornalismo independente, mas não são sinônimos não. Existem muitos grupos de jornalismo independente, considerando o independente a que eles não estão associados a grandes grupos econômicos, e muitos deles são jornalismo independente sem fins lucrativos e tal, e isso é uma característica do jornalismo independente. Mas muitos veículos do jornalismo independentes, apesar de serem sem fins lucrativos, apesar de não estarem ligados a grandes grupos, reproduzem o modus operandi e mesmas abordagens e perspectivas também de grupos hegemônicos. reproduzindo muito daqueles consensos e supostos valores universais que oprimem, que deturpam a realidade. Então eu não diria que uma coisa está diretamente associada a outra. Um jornalismo independente é diverso no Brasil, e parte importante desse jornalismo independente é comprometido com causas relevantes e importantes da democracia participativa no Brasil, mas não todos. e essa diversidade eu diria que ela é importante pra gente inclusive não reproduzir os modelos de organização da mídia hegemônica onde todos falam a mesma língua e onde quase todos defendem os mesmos princípios

ANEXO A – Resenhas

A1 *Veja* acervo digital (12/06/2018)